

Maristella Petti entrevista Elizandra Souza (10/01/2018)

(do livro *La resistenza nella poesia nera femminile brasiliana contemporanea* de Maristella Petti, *Sensibili alle foglie*, 2018)



Poderia nos contar algo da sua história? Quais são as etapas da vida che tornaram a senhora o que hoje é?

Eu venho me lapidando e buscando as palavras muito precoce eu fui para uma escola informal aos dois anos de idade, pois tenho uma irmã mais velha do que eu, que ela foi para a escolinha aos quatro anos, temos dois anos de diferença de idade, chorei muito e fiquei em casa insistindo para que eu também pudesse ir a escola com a minha irmã, fiquei até doente. Percebo que aos dois anos eu já sabia que eu queria esta em espaços em que eu pudesse aprender, pudesse me desenvolver, claro que com dois anos não se tem essa consciência, inclusive estou agora formulando este episódio na minha memória. Este fato não é que eu lembre, minha mãe sempre contou que eu sempre fui muito insistente, mas ela costuma usar a palavra teimosa. Eu sempre quis esta em espaços de aprendizados, me alfabetizei muito cedo por conta dessa ida a escola com dois anos, aprendi a gostar de ler. Na adolescência fugia dos afazeres domésticos alegando que sempre tinha lições escolares para fazer e estaria muito ocupada e portanto não poderia

arrumar a casa, mas nesta época, já terminava as atividades escolares rápido para poder ler os primeiros livros de literatura, essa literatura clássica que nos é ensinado na escola. Nasci em São Paulo e fui criada no interior da Bahia dos dois anos aos treze anos. Voltamos a São Paulo no ano de 1996 foi quando eu conheci a cultura Hip Hop que foi um divisor de águas na minha vida, pois tive consciência de ser negra, mulher, periférica e com família nordestina. Saber sobre a minha existência inserida em um contexto que as pessoas sobrevivem, trabalham para comer e a maioria delas não tem acesso ao conhecimento e muito menos a Cultura, que era algo que já existia dentro de mim. Sempre fui uma menina estranha aos olhos de todos que me cercavam, pois sempre quis muitas coisas que não estavam ao meu alcance com facilidade. Li muitos livros emprestados de bibliotecas públicas, só consegui adquirir meus próprios livros quando lancei o meu primeiro livro Punga junto com o poeta Akins Kintê, com o dinheiro que vendia os livros, comprava livros que me marcaram, pois queria transformar em algo que eu pudesse usufruir por muito tempo..hoje tem um acervo de mais de 1.000 livros a maioria de mulheres negras da Diáspora Africana de diversos países.

Pode nos contar daquela vez em que a senhora se sentiu discriminada como mulher e daquela vez em que a senhora se sentiu discriminada como negra?

Vou juntar as perguntas pois as discriminações que sofrem uma mulher negra ela nunca são apartadas não é possível dizer quando fui discriminada por ser negra ou por ser mulher. É humanamente impossível dentro do contexto que vivo que é uma sociedade machista, patriarcal e racista. As discriminações que mais me incomodam são aquelas que não consigo provar que elas acontecem, pois o racismo no Brasil muitas vezes ele é sutil e fica no campo da subjetividade, posso dá como exemplo o lance de sempre ser seguida por seguranças em mercado, lojas e afins. Mas que parece que eu sou sempre a sujeita padrão com características de uma ladra, minha cor de pele e meus cabelos são vistos como potencial de risco. E quando questiono que estou sendo seguida por seguranças, geralmente dizem que é uma atividade padrão e de rotina com todos os clientes, mas é mentira, nunca vejo mulheres brancas preocupadas em tirar o celular da bolsa dentro de uma loja quando ele toca, pensando se vão pensar que colocou algum produto na bolsa. Eu costumo não abrir a minha bolsa dentro de lojas e mercados, pois como sempre estou sendo seguida, isso poderia dá a entender que estou roubando algo. Estes são mecanismos de defesas que vamos aprendendo para não sermos confundidas. Lojas são sempre assim, em lojas femininas sou sempre atendida com demora e muitas vezes encaminhada para o fundo da loja para as promoções quando eu não estou procurando promoções. Ou quando escolho algo que quero e a atendente diz olha tem este outro que é mais barato... Ai quando venço todas essas etapas e vem a pergunta é no crédito em quantas vezes e eu falo não é no débito...há um espanto...é um misto de coisas subjetivas que se uma pessoa lê isso pensa nossa quanto exagero, mas isso é cotidianamente e acontece várias vezes ao dia. Se vou em restaurantes um pouco menos popular e fico parada na porta aguardando alguém e sou confundida com a funcionária do local...essas coisas que são

cotidianas e espero não me acostuma muito, pois o racismo é esquizofrênico e vai nos adoecendo dia após dia.

A sua obra literária já foi criticada ou discriminada por editores, outros escritores, ou leitores, porque de matriz feminina e/ou negra?

Não foi criticada por editores, pois nunca foi submetida e nunca houve nenhum convite para que minha obra pudesse estar em editoras. A história do meu segundo livro o *Águas da Cabaça* ele existe por um poema que incomodou muitas pessoas, principalmente os homens escritores que me cercam que é o poema "Em legítima defesa" pois um dos escritores chegou em meu ouvido e falou com este poema eu nunca iria arrumar namorado, o outro falou que era um poema de mulher mal amada, mandei para algumas antologias e o poema foi rejeitado. Ao mesmo tempo em que ele ganhava força entre as mulheres. Entendi que se eu quisesse publicar este poema eu mesma tinha que organizar o livro e foi o que eu fiz. É um poema que traz uma reflexão que um dia as mulheres vão começar a reagir a tanta violência doméstica. Segue o poema:

Em legítima Defesa

*Só estou avisando, vai mudar o placar...
Já estou vendo nos varais os testículos dos homens,
que não sabem se comportarem
Lembra da Cabeleireira que mataram, outro dia,
...e as pilhas de denúncias não atendidas?
Que a notícia virou novela e impunidade
É mulher morta nos quatro cantos da cidade...*

*Só estou avisando, vai mudar o placar...
A manchete de amanhã terá uma mulher,
de cabeça erguida, dizendo:
- Matei! E não me arrependo!
Quando o apresentador questioná-la
ela simplesmente retocará a maquiagem
Não quer esta feia quando a câmera retornar
e focar em seus olhos, em seus lábios...*

*Só estou avisando, vai mudar o placar...
Se a justiça é cega, o rasgo na retina pode ser acidental
Afinal, jogar um carro na represa deve ser normal...
Jogar a carne para os cachorros procedimento casual...*

*Só estou avisando, vai mudar o placar...
Dizem, que mulher sabe vingar
Talvez ela não mate com as mãos, mas mande trucidar...
Talvez ela não atire, mas sabe como envenenar...
Talvez ela não arranque os olhos, mas sabe como cegar...*

Só estou avisando, vai mudar o placar...

Do que nasce a sua poesia? Por que usar esse gênero como meio de comunicação?

A poesia é o gênero que me sinto mais confortável, as poesias surgem na minha vida de uma forma muito orgânica, eu sou aquele tipo de poeta que fica esperando inspiração este é um grande defeito que eu tenho, pois poderia contribuir mais com o universo com as minhas poesias. E faço quando elas me procuram e poucas vezes eu vou até as poesias, elas vem até mim, tanto que poucas poesias são trabalhadas muitas vezes, pois elas já nascem quase prontas. Gosto do conto, mas ainda me sinto insegura com ele. A poesia é a minha companheira de muitas horas.

Quem é a mulher negra na sua poesia: um eu-autobiográfico, um eu-lírico ou seu público?

A mulher negra na minha poesia sou eu, a minha ancestralidade, as minhas amigas, as minhas mais velhas e as minhas mais novas, então é um misto de autobiográfico, com eu-lírico e também o público. Minha poesia é o mapeamento dos meus sentimentos diante dessas mulheres negras que também sou.

Como é que a construção de uma identidade – seja individual, seja coletiva – pode passar pela literatura?

A literatura negra feminina que é onde estou inserida ela nos traz elementos que fortalece a construção de identidades negras femininas positivas pois na literatura convencional a mulher negra é construída de forma estereotipada, erotizada e marginalizada, que também existem mais não são a maioria. E quando a literatura feita por mulheres negras para mulheres negras entra a subjetividade e a humanidade nos é devolvida, pois podemos ser mulheres negras complexas dentro e fora da literatura. E isso é negado o direito de uma representação lúdica que possamos nos orgulhar. A literatura ela é uma representação de diversos tipos de pessoas, mas quando os personagens são negros nesta literatura convencional somos retratados sem família, sem amor, sem profissão, sem sonhos, sem desafios, somos uma peça que pode ser descartada, somos figurativos, somos objetificados...então a construção de identidades negras dentro da literatura negra ela é a base pois nos traz essa complexidade e essa humanidade que nos é tirada o tempo todo dentro de uma sociedade racista. Que somos pessoas complexas e também podemos ser personagens complexos.

O que a sua poesia relata das suas origens? Dá para encontrar a África nos seus versos?

Nos meus versos é possível encontrar minhas origens nordestinas, periféricas e uma representação de africanidades que são encontradas no nosso cotidiano. No livro Águas da cabaça existe a minha impressão sobre Maputo em Moçambique que é um olhar em diáspora,

não é possível encontrar Áfricas nos meus versos, por eu não ser africana, mas um olhar de diaspórica, de reconstrução de uma africanidade pós colonização. Existe no meu imaginário e de todo negro em movimento em diáspora Áfricas imaginárias que muitas vezes não vai corresponder com o que encontramos lá na atualidade...Quando pensamos Áfricas esquecemos de pensar que a colonização mudou a história dos que vieram mar adentro e os que ficaram...pois se você tira pai e mãe e deixa as crianças, essas crianças vão ter uma outra vivência sem os seus genitores...e estes genitores que vieram mar a dentro vai ter sempre o banzo dentro deles...eu sou a descendência do banzo dos que vieram...

A estética negra nesse contexto (hoje em dia, no Brasil) representa um discurso de luta? Podemos afirmar que a sua poesia é a sua pessoal forma de resistência socio-cultural como mulher negra brasileira?

A estética negra ela é uma das formas de resistência, mas costumo dizer que a estética só não da conta precisa de conhecimento, precisa colocar essa estética negra em todos os âmbitos da sociedade, essa estética precisa esta em cargos executivos, em cargos de comando, em cargos de coordenações, em lugares de fala, em mesas de debates, em salas de aulas, em consultórios médicos e também dentro e fora da literatura. A poesia é um forma que eu consigo viver e sobreviver ao racismo, coloco no papel muitas vezes o que não consegui dizer na hora que fui discriminada, coloco no papel os sonhos que não consigo realizar porque o racismo me inviabiliza, sim é uma forma resistência, mas uma forma de me manter viva quando morro todos os dias seja por invisibilidade, por tiro ou por omissão...

A senhora acha que a sua poesia pode denunciar as contradições da sociedade brasileira no exterior?

Já estive em países como Paraguai, Moçambique, Argentina, França, Cuba, apenas Cuba fui levada por conta da minha literatura, em viagem por estes países a visão que se tem do Brasil é muito distorcida da realidade, assim como também temos uma visão turva destes países. No Paraguai por exemplo, é um país que tem as marcas do Brasil como algoz, pensar que sim também enquanto nação já fomos vilões...Acredito muito que a minha literatura e a literatura negra como um todo ela pode denunciar o racismo brasileiro e também contribuir para ressignificar os lugares, a denúncia ela é necessária para enxergarmos nossas mazelas, eu acredito que o Brasil poderia ser mais prospero de valorizasse todos os brasileiros, sobretudo a população negra e indígena que somos a base dessa economia...acredito que se houvesse reparações com ações afirmativas em todos os setores seríamos uma nação muito mais prospera e rica, valorizando de fato essa diversidade étnica que temos no nosso país, mas que na prática ainda é muito racista que mata mais pessoas negras do que qualquer outro país em guerra. A literatura ela é fundamental neste processo, pois constrói imaginários e ressignifica a sociedade.